

Uma conversa com o educador que revolucionou a alfabetização no Brasil

O brasileiro Paulo Freire continua radical

Roberto Goto

Paulo Freire é um brasileiro radical: suas raízes estão no Brasil e nem 16 anos de exílio conseguem arrancá-las. Nesse tempo todo, embora tenha vivido na Bolívia, no Chile, nos Estados Unidos, na Suíça e na Guiné-Bissau, não perdeu o sotaque nordestino – o que diz, obviamente, com o sotaque nordestino de quem nasceu no bairro de Casa Amarela, no Recife, tratando o repórter por “tu”. Confessa que ainda fala como se estivesse em 1963. Sua linguagem ainda não se atualizou, explica, entre constatando e lamentando. Lamenta não ter se acostumado ainda com algumas “gírias novas”; a usar, por exemplo, a palavra “transar”. Uma palavra que acha “muito significativa” e até muito bonita. Isto ele diz gesticulando, transando bastante com as mãos, que sempre acompanham os movimentos do pensamento.

Paulo Freire, na verdade, não gosta de falar muito. Depois de uns 45 minutos de entrevista, queixa-se de que está cansado e é preciso insistir para que continue expondo suas ideias e posições. Além disso, não quer ser mito. Diz que é “horrrível” a mitologia criada em torno de seu nome, e que o transforma até em autor de trabalhos que não foi ele quem elaborou – como a chamada “cartilha política” que a Igreja de São Paulo vai distribuir às Comunidades Eclesiais de Base em setembro. Mas reconhece que ela é inevitável. Ele próprio se inibia diante do “grande Anísio Teixeira”, um dos principais teóricos da Educação no Brasil. Inibição que ele sente também nos jovens que vão procurá-lo depois de conhecê-lo pelos livros. Já criou uma tática para desfazer o nervosismo do deslumbramento.

– Deixo eles à vontade.

Paulo Freire está prosaicamente sentado em sua sala na Faculdade de Educação da Unicamp, numa ensolarada

tarde de quarta-feira, modulando a voz de acordo com a música de sua argumentação e o barulho que os ônibus, carros e estudantes fazem na frente do prédio, a alguns metros de sua mesa. Aponta a si mesmo para definir-se como um homem comum, que também tem direito de ser contraditório e “louco”. Sorri mansamente sob a barba grisalha que trouxe do exílio e que já anuncia os 60 anos que vai completar no dia 19 de setembro. Menciona que até já foi acusado de ser um pedagogo autoritário. Logo ele, que sempre defendeu uma pedagogia do diálogo. Agora, sem ilusões. O diálogo, reconhece, é também conflitivo, através dele aparecem as diferenças e contradições.

– O diálogo se dá justamente entre diferentes.

Só não é possível dialogar com interlocutores antagônicos. Por isso, comenta, pode haver conflito no diálogo, mas não há diálogo no conflito. Paulo Freire não é de fazer guerras de palavras.

Insiste que, em toda conversa, defende suas opções mas respeita as do outro. Só é intransigente com o sectarismo imobilizado e antidialógico.

– Sectário não, radical sim.

Paulo Freire continua sendo um radical, como já se definiu num de seus primeiros e mais importantes livros, *Educação como Prática da Liberdade*, usando uma frase do jovem Marx:

– Ser radical é tomar as coisas pela raiz. E a raiz, para o homem, é o próprio homem.

ANTIELITISTA:

TORCE PELO SANTA CRUZ

Quando voltou do exílio, no ano passado, para ficar no Brasil, Paulo Freire não teve “dificuldade nenhuma” de se readaptar à sua terra, da qual gosta muito, brasileiro que é até à raiz.

– Sem desprestigiar os países em que estive. Todos bons, me acolheram bem, mas...

Como também gosta de futebol, passou logo a torcer pelo Santa Cruz do Recife. Só lamenta não ter o mesmo

entusiasmo pelos times do Sul^{1*}. Mais por desconhecimento de recém-chegado do que por bairrismo. Aos poucos, por exemplo, começa a nutrir simpatias pelo Vasco da Gama.

O Sul é região^{2**} que o pernambucano Paulo Freire ainda não teve oportunidade de conhecer (ou re-conhecer) muito, embora trabalhe em duas de suas mais importantes universidades: a PUC de São Paulo e a Unicamp. São precisamente suas atividades universitárias que o impedem de tomar maior contato com as cidades, conta ele, acrescentando o alibi definitivo:

– Faz pouco mais de um semestre que estou aqui.

Por isso, não pode comentar as críticas que acusam a Unicamp de alienar-se dos problemas de Campinas.

– Realmente não sei. Se dissesse que sim, não estaria dizendo a verdade. Se dissesse que não, também não estaria.

Concorda, porém, em que as universidades brasileiras são elitistas.

^{1*} O que o entrevistado chama de Sul inclui o Sudeste (notadamente os Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo). [Nota do autor.]

^{2**} Vide nota anterior.

– Somos elitistas, o Brasil é um país de elites.

– Isto inclui Paulo Freire?

“Não”, responde ele, espichadamente, com sonoridade nordestina.

– Eu procuro, luto sempre por não ser elitista.

Confirma que no semestre passado só esteve desenvolvendo cursos e seminários, ou melhor, conversando com alunos dos últimos anos da graduação. Mas anuncia que agora quer trabalhar também com os calouros.

– Quero conhecer também essa gente que entra, quero saber o que ela pensa.

E adverte que vai dar-lhe muito o que pensar, pois não traz pacotes pedagógicos de casa, não estabelece nem dita programas de antemão.

– Sempre discuto com os alunos o que vamos fazer.

“Ser radical é tomar as coisas pela raiz.”

Um marxista “sim-e-não”. **Um “camarada de Cristo”**

Há alguns dias, no Rio de Janeiro, o filósofo Georges Gusdorf, um pensador católico, disse que o marxismo morreu na Europa e nos Estados Unidos e não tem muita razão de ser na América Latina, onde ainda sobrevive, feito uma alma penada. O que o pedagogo Paulo Freire, também um pensador católico mas que já bebeu nas

fontes da filosofia marxista, tem a dizer sobre esse veredicto (ou extrema-unção)?

Ele pensa em silêncio durante alguns segundos profundos e diz, por fim, que não concorda não com as palavras, mas que acha até bom que alguém como o filósofo as diga.

– É um alerta para que os marxistas não imobilizem, não burocratizem Marx.

Este risco existe, explica Paulo Freire, porque o próprio Marx, numa de suas últimas cartas, já não se considerava marxista diante dos caminhos sectários que o marxismo começava a trilhar.

Mas reitera que não acredita que a boa dialética de Marx tenha morrido: Marx é uma das presenças assíduas de *Pedagogia do oprimido*. Isto significa que Paulo Freire é marxista? Ele nota, calmo, que esta é uma pergunta que raramente lhe fazem. E que merece resposta dialética.

– Sim e não.

Esclarece que a única coisa que o impede de ser inteiramente marxista é sua “camaradagem com Cristo”, que não é muito bem compreendida pelo marxismo mais ortodoxo. Ele explica, porém, que o Cristo em que acredita não é aquele que prega o conformismo, que justifica os sofrimentos dos homens em função de um “reino dos céus”.

– Não, minha camaradagem com Cristo significa que devemos lutar aqui e agora pelo reino histórico.

A religião que diz aos oprimidos para que sofram e esperem, “esta sim é o ópio do povo, a alienação”, enfatiza ele. Neste ponto, Paulo Freire concorda com os marxistas.

Na verdade, mantém relações muito amistosas com alguns deles, como Gregório Bezerra, ex-membro do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro e tão pernambucano quanto Paulo Freire.

– Eu respeito as opiniões dele e ele também respeita as minhas.

Paulo e Gregório se igualam e se diferenciam pelos sofrimentos que experimentaram com regimes autoritários. Gregório, diz Paulo, “sofreu muito, muito mais do que eu, que não sofri nem metade, nem um terço do que ele”. Mas “Gregório é forte, tem uma grande resistência física” e por isso está aí, vivo e ativo, aos 80 anos.

Do Brasil para o mundo com a lição do diálogo

Paulo Freire aprendeu com os pais Joaquim Temístocles Freire e Edeltrudes Neves Freire o diálogo que "tenho tratado de manter com o mundo, com os homens, com Deus, com minha mulher, com meus filhos". É o que escreve em seu auto-retrato, publicado em Buenos Aires em 1974. "O respeito de meu pai pelas crenças religiosas de minha mãe me ensinou desde a infância a respeitar as opções alheias", conta ele. "As mãos de meu pai não haviam sido feitas para golpear seus filhos".

Em 1931, quando Paulo mal completava os 10 anos, a família mudou-se da Estrada do Encanamento, no Recife, para a cidade de Jaboatão, por causa da crise econômica de 1929. "Em Jaboatão, perdi meu pai. Em Jaboatão, experimentei a fome e compreendi a fome dos demais". Só aos 15 anos pôde prestar exame de admissão à escola secundária: "ainda escrevia rato com dois rr". Mas aos 20, "na Faculdade de Direito, havia lido já os *Serões Gramaticais* de Carneiro Ribeiro, a *Réplica* e a *Tréplica* de Rui Barbosa"...

Abandonou o Direito "depois da primeira causa: um assunto de dívidas". Deixou "ir em paz" o "jovem dentista, devedor tímido e vacilante". Sobrevivia e ajudava a

família dando aulas de Português. Em 1944, casou-se com Elza Maia Costa Oliveira, "católica como eu". De 1946 a 54, trabalhou na Superintendência do SESI em Pernambuco, onde "fiz as primeiras experiências com o método de alfabetização de adultos que em 1962, em Ar Rio Grande do Norte, permitiu que 300 trabalhadores aprendessem (a ler?) e escrever em 45 dias.